O passe é o passador

Nilda Deiró

O dispositivo do passe é uma invenção de Lacan para acolher o saber extraído do dispositivo freudiano, a análise. Esse saber é ordenado por uma lógica e um tempo próprios; em alguns casos há a emergência de um desejo novo, que não se subordina aos uns – equívocos, ou seja, ao cifrамento do inconsciente que pede decifração. Lacan admite que esse desejo é condição suficiente para alguém se oferecer à metonímia analisante como semblante, porém a condição necessária é a experiência subjetiva.

O passe é uma experiência ainda em curso, porque há um real em jogo, que suscita elaborações. Isto nos leva a pensar que o dispositivo lacaniano, tal como o dispositivo freudiano, tem a estrutura do chiste, pois também possibilita o surgimento da terceira pessoa.

Estrutura do chiste

A estrutura do chiste consiste em omitir o primeiro alocutário, que é o elemento mais importante e pivô da transformação, como no chiste do familionário: no primeiro nível Heine deseja se casar com a prima; no segundo, o tio de Heine o trata bem, porém com distância porque ele é pobre; no terceiro nível, Heine coloca na boca do poeta Hirsch - Hyacinth, que é ele próprio, o chiste: Salomon, o Barão Rothschild, tratou-me como a um seu igual: bastante "familionariamente".

O ciclo transformacional, expressão de Todorov, consiste nesse fenômeno do desdobramento da 2ª pessoa em 2ª e 3ª pessoas, isto é, o tu se desdobra em ele e tu: o ele é a enunciação, o alocutário ausente, e o tu está presente como ouvinte.

O processo usado para a formação do chiste é a metáfora e a metonímia. Consiste na abreviação de termos, interpretação de elementos e no duplo sentido das palavras. Trata-se de uma operação verbal, que tem estrutura triangular: aquele que fala, aquele do qual se fala e aquele a quem se fala.

Estrutura do passe

O dispositivo do passe também tem estrutura triádica: o passante fala de sua ficção ao passador, por isso está susceptível aos efeitos da linguagem. O primeiro exemplo[1] ilustra a condensação dos detritos da linguagem pelo passante, ao enunciar o significante madrepérola. Esse significante é metáfora dos mal-ditos do Outro: *doutor, minha mulher é uma pérola rara, salve a mãe*. A enunciação é morte ao filho. Este alocutário ausente, o filho, é o pivô do processo transformacional, sobre o qual incide o fator econômico.

[1]. Ver neste número: A mor (te) pelo pai ao a–mor de transferência.

Num segundo tempo lógico, o corpo é afetado quando duas meninas disputam uma sombrinha. A mãe decide que a outra menina é a beneficiada e o ciúme se manifesta. Entre essas duas escolhas há o primitivo e o derivado: a primeira experiência é ressignificada pela segunda experiência e a sombrinha com cabo de madrepérola se constitui como objeto *a*, objeto de consistência lógica que tampona o furo da estrutura. Madrepérola é metáfora do furo e comporta o equívoco: aparentemente indica o valor risível do objeto, entretanto seu verdadeiro valor é de chiste e se refere à economia do gozo, porque abriga o enigma sobre o gozo do Outro sexo.

O segundo[2] caso mostra, como no chiste, o equívoco do significante venda: tapar os olhos e o ato de vender. O jogo de sedução consiste em se dar-a-ver. A angústia se deflagra quando entra a voz, porque há o enodamento com a fantasia: trancada numa casa de prostituição com os olhos vendados. A fantasia se agrega ao acaso: uma revista masculina com depoimentos femininos, em que uma mulher é amarrada na cama pelo marido, com os olhos vendados.

A pregnância do olhar determina o modo de gozo: dar-se-a-ver como caçadora do olhar. A voz transforma a caçadora em prostituta do olhar e a defesa se manifesta através da inibição – não vendo, isto é, não se dar-a-ver para não se vender – cujo efeito é se manter com um pé dentro outro fora. Passar o gozo à contabilidade do inconsciente possibilita a emergência de um significante novo, no processo analítico, que ordena o saber: espirrar é um significante assemântico que só serve para o corpo gozar e seu duplo sentido é espiar. Aí, então, há encadeamento e se conecta à fantasia, onde se inscreve o significante venda. Poder apreender o equívoco desse significante é também poder ultrapassar uma posição de gozo – manter-se na soleira da porta com um pé dentro e outro fora. O ingresso na comunidade analítica é a ultrapassagem dessa posição, em que o trabalho se configura como possibilidade de mostração, sem que o corpo seja afetado. O inconsciente interpreta essa metamorfose através de um sonho e o analisante já não pergunta: o que isto quer dizer? Ele vai dar significação ao seu sonho: o escrito é a roupa sob medida para se dar-a-ver, para satisfazer a pulsão.

O caso mostra que a metamorfose na economia do gozo transforma uma demanda de ser analista – diante do enigma do gozo Outro sexo – ao desejo do analista, quando assume a enunciação. Uma passagem da transferência analítica à transferência à causa analítica. O passante diz que no lugar do furo coloca o significante largatixa, que denuncia o mal-entendido entre os sexos e dá origem ao discurso que faz laço com o analista. Largatixa é um significante de alíngua que vai permitir a relação entre os sexos.

O passador pode apreender os momentos de passe porque também está realizando as suas operações de troca na economia do gozo, daí ser um parceiro do passante. Uma parceria simétrica de não-analistas, porém analisados, que têm intimidade com o trabalho inconsciente, sensível à metamorfose do gozo, por isso passível de se duplicar e encarnar a 3ª pessoa: se madrepérola é um significante de alíngua, não há estranheza em que largatixa seja metáfora do furo, ou que espirrar – tanto quanto enxovalhar – tenha relação com a pulsão escópica. Há uma comunicação no nível da

[2]. Ver neste número: Venda de olhos.

estrutura: ao nada, ao sem-sentido, aos significantes assemânticos. Trata-se de uma identificação tórica, de significantes, pois o que está em questão não é o dentro/fora, mas o gozo do sintoma. Essa parceria, como na Comédia de Voltaire, é constituída por desertores, *drop-out*, que se entendem pela natureza do discurso. Essa singularidade é que permite a emergência do desejo novo. O passador pode apreender esse desejo e dar passagem, porque também está inserido no mesmo processo transformacional; o passador está no dispositivo também como analisante, como um cândido – a (um *candidat candide* – a) – segundo Lacan – e que vai transmitir uma experiência constituída de restos de saber. Então, o desejo novo é contaminado pelo saber extraído do não-saber, por isso não é um desejo puro, como mostram os exemplos.

Proponho, então, pensarmos que esse desejo novo é um operador lógico, responsável pela passagem. Passante e passador, movidos por esse desejo novo, vão estar *sub judice* para o Cartel do passe. Para que a passagem tenha êxito é necessário que o Cartel do passe seja sensível ao processo transformacional, como no chiste, e encarne a 3ª pessoa, pois o passe de Lacan não é uma avaliação dos didatas; o Passe de Lacan é uma verificação do desejo do analista pelo não-analista, no tempo em que se produz.

A função do passador é dar passagem da virada do desejo inconsciente ao desejo do analista, mesmo sem saber. O referente para a função do passador é a própria experiência subjetiva, pois ao trocar gozo por significante há desprendimento da viscosidade da libido – no dizer freudiano – ou desembaraço do parasita linguajeiro – no dizer lacaniano – e é isto que permite a circulação do desejo.

O passador, mesmo estando submetido ao reducionismo imposto pelo dispositivo, vai privilegiar o essencial a ser transmitido, concernido à transmutação, por isso o passe é o passador.

Notas

FREUD, S. Os chistes e sua relação com o inconsciente - 1905. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, V. VIII, p.275.

LACAN J. Proposição de nove de outubro de 1967. *Opção Lacaniana*, n. 6, agosto/96.

———— Carta aos italianos. *Opção Lacaniana*, n.11, novembro/94.

———— Um procedimento para o passe, *Opção Lacaniana*, n.18, abril/97.

———— *L'insu qui sait*.... Anotações de aulas de 14/12/76 e 21/12/76.

———— Rumo a um significante novo. Anotações de aula de 19/04/77.

———— Sobre a experiência do passe. Seminário de 13/03/76. Trad. Alexandre Simões, abril/99.

TODOROV, T. Teorias do simbólico, A retórica de Freud, Sobre a enunciação. *Coleção Signos*. Lisboa: Edições 70.